



TECNOLOGIA
A Copa antecipou as
novidades digitais que vêm por aí

Editora ABRIL
edição 1965 - ano 39 - nº 28
19 de julho de 2006

veja

www.veja.com.br



COMO FUNCIONA E O QUE
FAZER PARA ACABAR COM O
TERROR



Caminhão incendiado
por bandidos na
semana passada

EXCLUSIVO

Os documentos
da contabilidade
do PCC

Conversas gravadas:
bandidos presos
ordenam assassinatos

Os depoimentos
das advogadas do
crime organizado



O PODER NAS MÃ



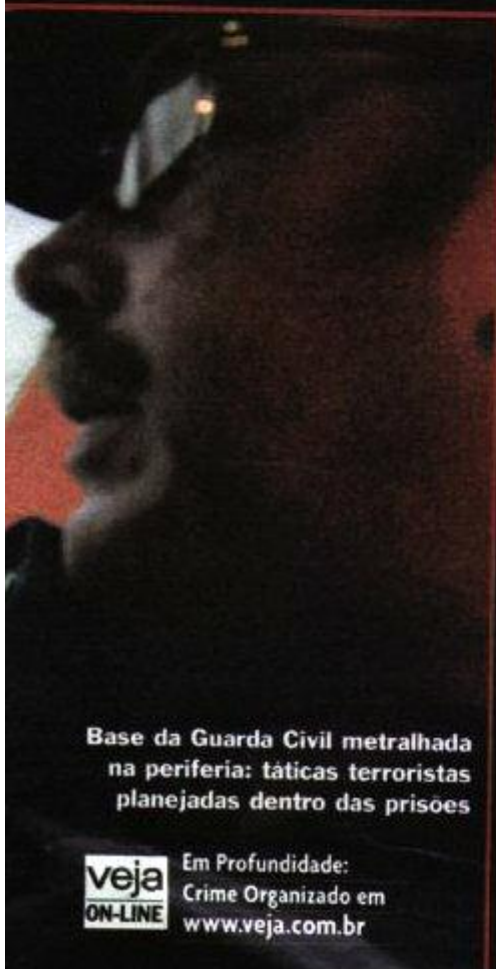


Caminhão incendiado na Marginal Tietê, a principal via expressa de São Paulo: atentados contra o patrimônio e sete assassinatos

NA SEGUNDA ONDA DE ATAQUES EM MENOS DE DOIS MESES, GRUPO CRIMINOSO VOLTA A ATERRORIZAR SÃO PAULO E CRIA A SENSÇÃO DE QUE A SOCIEDADE TODA VIROU REFÉM DE UMA CRISE SEM SAÍDA. CONHECER AS CONDIÇÕES QUE GERARAM ESSA PRAGA AJUDA A ENCONTRAR MANEIRAS DE ENFRENTÁ-LA

Código Penal: de extorsão, seqüestro e tráfico a roubo a bancos e assassinato. As duas ondas de ataques expõem um paradoxo. Os cabeças da organização estão presos, o que demonstra a eficiência do trabalho policial. Querem, no entanto, ditar as condições em que cumprem suas penas e, ao fazê-lo com explosiva capacidade de comando e coordenação, comprovam que continuam a lançar um repto mortal à autoridade do Estado. A escalada do crime organizado, que se irradia da capital para o interior e contamina outros estados, tem causas múltiplas e complexas, a começar pelos conhecidos problemas estruturais no campo econômico e social. Há, no

OS DOS BANDIDOS



Base da Guarda Civil metralhada na periferia: táticas terroristas planejadas dentro das prisões

Medo, vergonha, raiva. Essas três reações, agravadas pela sensação generalizada de impotência, voltaram a assaltar os 11 milhões de habitantes de São Paulo na semana passada, quando a organização criminosa autodenominada Primeiro Comando da Capital — o PCC — desfechou a segunda onda de ataques em menos de dois meses, numa versão menos virulenta, mas igualmente assustadora, do “maio sangrento”. Entre a madrugada de terça e a tarde de quinta-feira, registraram-se 68 ônibus incendiados, dezesseis agências bancárias atacadas por bomba, seis agentes de segurança e policiais, além de um civil, mortos por bandidos a serviço do “partido do crime”, na designação de seus integrantes. De fato, o PCC — que surgiu em 1993, numa penitenciária do interior do estado — é hoje uma eficiente estrutura a serviço de todo tipo de delito previsto no

entanto, fatores mais imediatos. A reportagem das páginas seguintes analisa os cinco pilares sobre os quais se ergue o poder da facção criminosa que hoje aterroriza São Paulo. São eles:

- a capacidade de organização do PCC;
- o comando das 144 unidades prisionais do estado;
- o conluio de advogados bandidos;
- as brechas na legislação penal;
- os erros na condução da política de segurança pública por parte das autoridades estaduais e federais.

Expostos em conjunto, esses fatores parecem aumentar a sensação de impotência. Mas, como se poderá ver na reportagem, é possível provocar abalos nesses pilares com medidas práticas imediatas ou de médio prazo — e a convicção de que a sociedade das pessoas de bem não se deixará sobrepujar pelo crime.

veja
ON-LINE

Em Profundidade:
Crime Organizado em
www.veja.com.br

CINCO PIL

O PCC TEM A FORÇA

IA história mundial de repressores e reprimidos comprova uma verdade imutável: mesmo nas condições mais duras, os que estão do lado de dentro das grades têm a seu favor o fator tempo e a excepcional mobilização de recursos mentais e psicológicos propiciada pela luta mais fundamental pela sobrevivência. A isso, o grupo

criminoso chamado Primeiro Comando da Capital (PCC) acrescentou uma capacidade operacional que turbinou seu raio de alcance nos últimos anos. De promotor de motins em presídios, tornou-se a mais bem estruturada organização criminosa do país, comandando atividades ilícitas dentro e fora das cadeias. O PCC domina o tráfico de drogas em São Paulo, ordena assassinatos, arquiteta seqüestros e assaltos a bancos e faz extorsões. No desdobramento mais recente, tenta intimidar as autoridades por meio de táticas terroristas cuja frequência e intensidade aumentam continuamente. A última onda de assassinatos de agentes da lei e de ataques contra o patrimônio público e privado, na semana passada, tinha por objetivo impedir a transferência dos líderes da facção — especialmente Marcos Camacho, o Marcola — para a recém-inaugura-

rada penitenciária de segurança máxima do governo federal, em Catanduvas, no Paraná. O PCC não é formado por gênios do crime, mas por bandidos que souberam tirar proveito do caldo de cultura das penitenciárias e, a partir daí, das falhas no sistema legal. Operam como um bando primitivo, com estrutura hierárquica rígida e núcleo decisório fechado. As ordens da cúpula são transmitidas, de dentro dos presídios, por criminosos conhecidos como "torres". Por meio deles, as instruções chegam a centenas de capatazes do PCC, os "pilotos", espalhados tanto dentro dos 144 presídios paulistas quanto nas ruas de boa parte das cidades do estado. Aos "pilotos" cabe fazer cumprir as ordens, em ambas as instâncias. No degrau mais baixo, estão os "bin ladens", viciados ou pequenos traficantes cujas

Marcos Camacho, o Marcola, chefe do PCC: controle centralizado e logística financeira impulsionam o crescimento do "partido do crime"

FECHAMENTO GERAL ATÉ MÊS 6

TEMOS R\$ 585.000,00 EMPRESTADO P/ IRMÃ

INVESTIMENTO DROGA

COMPRAMOS: 20 LATAS DE ÓLEO 1 222.000,00

DEVEMOS P/ LARAS DE COR 2

FIZEMOS:

10 LATAS DE ÓLEO VAL VÍRAR 60 BICHO PARA

6 LATAS DE P/ FIRMAS DA BAIXADA

4 LATAS VAL VÍRAR 8 PEGAS DE PEDRA A 8.000

BICHO EXTERNO P/ RECEBER

* ANIGO 107.000,00

* NOVO 248.000,00

TOTAL P/ RECEBER 355.000,00

EM MERCADORIA 12 PEGAS 48.000,00

GERAL VENDIDO R\$ 403.000,00

BICHO INTERNO 1 P/ RECEBER

* ANIGO 17.600,00

* NOVO 380.000,00

TOTAL P/ RECOR 397.600

TOTAL INTERNO E EXTERNO 800

ARES DO CRIME

CAIXA-FORTE

Anotado nos mínimos detalhes entre setembro de 2004 e junho de 2005, o livro-caixa elaborado por Deivid Surur, conhecido como DVD, mostra a movimentação mensal sob seu controle. A receita provém de contribuições de criminosos em liberdade e do pagamento de empréstimos. As despesas incluem a "mesada" dos bandidos presos, pagamentos de advogados e gastos com armas e "ação social". Três meses depois de preso, o "tesoureiro" foi encontrado enforcado. Uma amostra de suas anotações:

dividas de droga podem ser zeradas quando eles se incorporarem aos ataques de maior risco. No interior de São Paulo, na semana passada, até meninos de bicicleta participaram de atos de vandalismo.

Além da estrutura verticalizada, o PCC também se organizou como uma empresa, com tesouraria, almoxarifado, setor de crédito e departamento de pessoal. VEJA teve acesso a documentos em poder da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, reproduzidos em parte nestas páginas, que mostram como a arrecadação de recursos (por meio de extorsão a presos, seqüestros e outros crimes) e os gastos da organização são controlados detalhadamente. De acordo com a polícia, quem está preso paga uma mensalidade de 50 reais, em troca de proteção. Criminosos em liberdade contribuem com 1 000 reais (o valor, que era de 750 reais, foi reajustado

FECHAMENTO MÊS 06/2005

ENTRADA	SAÍDA
15.000,00 CENTRO	87.500,00 AJUDA TRANÇA
22.500,00 ABC	21.480,00 CELTA RIFA
70.700,00 INTERIO	50.000,00 EMPRES SERGIO ZH
36.000,00 BAIXADA	30.000,00 EMPRES CRIS
47.000,00 Z/OCIDE	30.000,00 EMPRES FAISCA ZH
34.275,00 Z/NORTE	35.000,00 EMPRES M. MENDR
82.810,00 Z/SUL	20.000,00 FURADORA 223
100.500,00 Z/LESTE	3.500,00 GASTOS BAIXADA
40.000,00 Peto Sergio Zh	2.600,00 GASTOS Z/N
1.000,00 Peto 8º ANSOZ/L	5.000,00 EMP REQUISA REFM
5.000,00 Peto PÁTRIA REFM	4.500,00 CARIÓ COLETA TONIN
1.500,00 Peto FABIANO CENTRO	2.000,00 Pátrio Progresso Zh
3.000,00 Peto GOIANO CENTRO	1.500,00 POLÍCIA JR/RODADA
24.000,00 ZICHOPI INTERIO	600,00 Progresso N SAÍDO
483.285,00 TOTAL ENTRADA	360,00 GASTOS DVD
108.208,00 SALDO MÊS 5	500,00 D. MARIA OFICINA
591.493,00 TOTAL ENTRADA	365,00 DIFERENÇA
	2.95.495,00 TOTAL SAÍDA
TOTAL ENTRADA 591.493,00	
TOTAL SAÍDA 295.495,00	
SALDO R\$ 295.998,00	
MÊS 6	

- Quilo de droga
- Munição
- Pagamento mensal a presos
- Pagamento dos colaboradores do PCC a ser dividido entre os líderes
- Arrecadação por áreas
- "Mesada" para presos do PCC
- Fuzil
- Serviços feitos na rua
- Soltura de preso intermediada por advogado
- Acompanhamento de processo feito por advogado

soal. VEJA teve acesso a documentos em poder da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, reproduzidos em parte nestas páginas, que mostram como a arrecadação de recursos (por meio de extorsão a presos, seqüestros e outros crimes) e os gastos da organização são controlados detalhadamente. De acordo com a polícia, quem está preso paga uma mensalidade de 50 reais, em troca de proteção. Criminosos em liberdade contribuem com 1 000 reais (o valor, que era de 750 reais, foi reajustado

*RIFA

1º PRÊMIO
2º PRÊMIO
3º PRÊMIO

CELTA OKM
MOTO TITAN FAN OKM
TV 29

21.480,00
5.200,00
1.200,00
27.880,00

* CX INTERNO

TOTAL ARRECADADO
GASTOS
SALDO

102.069,00
62.025,00
40.044,00

* CX. CESTA BÁSICA

400 CESTAS
VALOR UNITÁRIO 42,00
GASTOS TOTAL 16.800,00

* CX. AJUDA DA TRANÇA

AVARE
CAMPINAS
TAUBATÉ
BIG

8.000,00
8.000,00
10.000,00
15.000,00

ATÉ O DIA 15/6 CESTÃO 44 IRMÃOS NA TRANÇA FOI GASTOS 85.000,00

QBS: NEM TODOS RECEBEM A MESMA QUANTIA UNS RECEBEM 2.500,00 OUTROS 500,00 E OUTROS 1.000,00

CX DE LEITE 260 CAIXAS CADA 14,00

TOTAL: 3.744,00

HIGIENE 1

na semana passada). Além de pagar a "mesada" dos chefões presos, o dinheiro é investido na compra de drogas, armas, aluguel de carros e pagamento de advogados. O PCC também montou uma "cooperativa de crédito" que financia as "operações pessoais" de seus membros com empréstimos de até 118 000 reais.

A estrutura verticalizada dá ao PCC vantagens competitivas em relação a outras facções criminosas conhecidas, como o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador Adriano Oliveira, do Núcleo de Estudo de Instituições Coercitivas, da Universidade Federal de Pernambuco, a centralização favorece a tomada de decisões e fortalece o senso de unidade em torno das lideranças do PCC. "No Rio, o Comando Vermelho disputa o poder com várias facções. Por isso, as lideranças não permanecem muito tempo no comando, como ocorre em São Paulo", diz Oliveira. Para o sociólogo Ignacio Cano, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a diversificação de atividades favorece o PCC em comparação com os grupos cariocas, mergulhados numa eterna disputa territorial para sobreviver: "As quadrilhas do Rio precisam disputar áreas de atuação porque sua sustentação principal é o tráfico de drogas, que tem por base o controle de pontos-de-venda. Em São Paulo, o crime organizado atua em várias atividades ao mesmo tempo".

A tecnologia de comunicações também joga a favor do PCC. Graças aos celulares, que proliferam como praga nas cadeias paulistas, os bandidos realizam diariamente dezenas de teleconferências para transmitir recados, fazer ameaças e distribuir tarefas. Depois dos ataques de maio, a Secretaria de Segurança de São Paulo aumentou o número de escutas em telefones de membros do PCC. VEJA teve acesso a parte desse material. Os diálogos (veja o quadro ao lado) demonstram a assustadora mecânica desenvolvida pelo grupo. Na preparação de um dos ataques, um integrante do PCC repassa ordens da cúpula a um "piloto" que está fora da cadeia. O objetivo é matar agentes penitenciários. A ordem é direta: "É para fazer de cinco a quinze agentes, irmão".

O trabalho de monitoramento telefônico feito pela Secretaria de Segurança revela minúcias da logística do PCC. O bando aluga imóveis para abrigar criminosos procurados pela polícia. Um dos

casos mais recentes é o de Emivaldo Silva Santos, o "BH". Ele era um dos líderes do PCC na região metropolitana de São Paulo. Atuava fora da cadeia, nas áreas de tráfico de drogas e assaltos. Depois dos ataques do "maio sangrento", BH teve de se esconder da polícia. O bando alugou para ele uma casa no município de Mongaguá, no Litoral Sul de São Paulo. O criminoso passou dois meses escondido no local e foi preso na semana passada, numa estrada a caminho de São Paulo. Acredita-se que ele iria reforçar o comando da segunda onda dos ataques em massa. Esse, pelo menos, não teve sucesso.

O QUE PODE SER FEITO

- Isolar os líderes das facções em presídios distantes dos seus estados. A estratégia funcionou com Fernandinho Beira-Mar, o principal traficante do Rio de Janeiro, que encolheu depois de ser transferido de Bangu 1.
- Asfixiar financeiramente o PCC, rastreando contas bancárias e "laranjas" e solapando fontes de renda vitais, como os pontos-de-venda de drogas
- Usar continuamente meios de inteligência como escutas telefônicas e agentes infiltrados nas facções. Foi assim que a Itália desbaratou a ação da Máfia

Fábio Portela e Juliana Linhares

OS DONOS DA CADEIA

O PCC nasceu, cresceu e virou um monstro dentro do sistema prisional de São Paulo. Suas armas são a corrupção, a ameaça, a violência e a exploração dos desvãos do sistema.

Construiu assim para seus líderes o melhor dos mundos possível atrás das grades, dispondo livremente de dinheiro, poder, sexo e, para quem quisesse, drogas. É isso que eles querem recuperar com os ataques contra a sociedade. Corromper não é tarefa das mais difíceis. Investigações do Ministério Público e da Polícia de São Paulo mostram que, para colocar um celular dentro de um presídio, um agente penitenciário recebe de propina até 5 000 reais, nos casos mais "difíceis". O piso salarial da categoria é de 1 650 reais, razoável nas circunstâncias brasileiras, mas a tentação muitas vezes é mais forte. A cada mês, são apreendidos 200 celulares nas 144 unidades prisionais de São Paulo — e, pelo que se vê, são rapidamente substituídos. Quando a corrupção não funciona, os líderes do PCC recorrem à intimidação e à violência. Funcionários dos presídios e até detentos que se recusam a colaborar com a facção criminosa passam a ser per-

"VAMOS PARA O ARREBENTO"

A capacidade de comandar atividades criminosas mesmo dentro das cadeias é exposta nesta gravação feita pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo no fim de junho. Em conversa pelo sistema de teleconferência, dois presos (P1 e P2) cumprindo pena em presídios diferentes encomendam a um "piloto" — ou capataz — chamado Marcinho, contatado em uma favela de São Bernardo do Campo, que assassine agentes penitenciários. Também mandam recados ameaçadores a outros criminosos da região do ABC, em torno de São Paulo, pela atitude que consideram tibia durante a grande onda de ataques do último mês de maio. Um resumo:

P1 — Ai, meus irmãos, uma saudação para todos, sem exceção. Nós estamos repassando um salve do comando. É um salve para todas as quebradas e em especial para a região do ABC. O comando está decepcionado com o ABC, porque da primeira vez o ABC foi uma vergonha. Foi uma vergonha total. Todo

mundo participou, vários irmãos morreram guerreando e o ABC deixou a desejar. Não fez a sua parte. Agora é a hora de fazer a coisa certa. Nessa quebrada sempre foi tudo lindo e elegante, não é agora que vai ficar quadrado, certo, meus irmãos? Então é o seguinte, esse salve é prioridade e o irmão que não acatar vai



Está dominado: o PCC controla o sistema prisional através de corrupção e intimidação; pôr um celular na mão do bandido pode valer até 5 000 reais

ta", diz um policial que participa das investigações.

O PCC também tem tentado uma tática mais refinada para aumentar o controle dos presídios: infiltrar criminosos nos concursos públicos para agente penitenciário. Em maio do ano passado, uma prova do governo federal que selecionaria carcereiros para o recém-

inaugurado presídio de segurança máxima de Catanduvas, no Paraná, teve de ser cancelada. Investigadores da Polícia Civil do Distrito Federal e da Polícia Federal descobriram que uma quadrilha havia conseguido cópia antecipada da prova, colocando-a à venda por 20 000 reais. O grupo, que também atuava em outros concursos em vários estados do país, foi preso. Agora a polícia investiga os contatos entre essa máfia e integrantes do PCC, em São Paulo. Escutas telefônicas feitas pela Secretaria de Segurança Pública do Estado mostram que líderes da facção criminosa estavam especialmente interessados nos gabaritos da prova para o presídio de Catanduvas. Em maio, durante depoimento à CPI do Tráfico de Armas, Marcola perguntou aos parlamentares se o regime na nova penitenciária seria tão rigoroso quanto o do presídio de Presidente Bernardes, onde o chefe do PCC está encarcerado. É para lá que ele não quer ir de jeito nenhum.

seguidos. A ex-agente penitenciária Rosana Carvalho sabe como funciona a estratégia do terror. No início de julho, ela perdeu o marido, Otacílio do Couto, também agente, uma das vítimas da recente série de atentados. A própria Rosana havia abandonado a carreira depois de receber em sua casa cartas de presidiários. "Eles sabiam tudo sobre minha vida, meus horários e meus hábitos", relatou a VEJA. Nas últimas três semanas, sete agentes penitenciários foram atacados nas imediações de casa. Cinco morreram.

A operação que resultou na morte de Otacílio e de seus colegas foi orquestrada pelos líderes do PCC, de dentro das cadeias. Nem o rigoroso regime de segurança máxima do presídio de Presidente Bernardes, onde estão encarcerados os

cabeças da organização, impede a comunicação entre os presos. Depois da prisão de advogados que funcionavam como pombos-correio dos detentos (veja reportagem na pág. 50), os chefões mudaram de tática: passaram a pressionar presos que não são ligados ao PCC para que transmitissem às suas mulheres as ordens para assassinatos, rebeliões e ataques. Marcola, o líder da facção, nunca fala ao celular e, desde os ataques de maio, também não recebe mais advogados. Porém, diariamente tem direito a uma hora de banho de sol com outros quatro presos. "Eles são obrigados a passar para suas mulheres as informações que o Marcola quer que cheguem às outras penitenciárias. Se os presos não passarem, sabem que sua família será mor-

ser cobrado à altura. O salve é para ficar todo mundo na sintonia, sem exceção. Quando chegar a hora de ir para o arrebitto, todo mundo tem que estar na sintonia. Quem deixar o telefone na caixa postal vai ser cobrado à altura.

P2 — Vamos falar a real. Tá todo mundo sabendo que é o seguinte: quem der caixa postal vai pagar com a vida, entendeu? É isso. Aí, maloqueiro, o salve é esse. O ABC envergonhou na outra situação. Não vou ficar citando nomes, mas cada um sabe o que fez e o que não fez.

Marcinho — Certo, irmão. Quanto a essa situação, não vai ter nenhum problema. O salve chegou até mim, e não vai deixar de ser resolvido. Não vai ter nenhum problema, até já estou falando com

mais dois moleques aqui da área para eles fecharem comigo. Eles vão fechar comigo e nós vamos para o arrebitto.

P1 — Você entendeu o salve, meu irmão?

Marcinho — Entendi tudo. Sem problema.

P1 — É para fazer de cinco a quinze agentes, irmão.

Marcinho — Entendi. Vai ser cumprido.

A promessa não foi cumprida. Marcinho foi morto, com mais doze homens, quando preparava o ataque encomendado a agentes do Centro de Detenção Provisória de São Bernardo, no dia 26 de junho, às 6h30.

O QUE PODE SER FEITO

- Criar um código penitenciário nacional que regule as relações entre os presos e a administração das penitenciárias. O que existe hoje são regras que variam de presídio para presídio e de estado para estado. Uns são mais rigorosos, outros menos
- Nos casos de corrupção, acelerar os processos de investigação e a consequente expulsão do agente
- Aumentar as penas quando um preso cometer crimes contra agentes penitenciários e forças de segurança pública

DOUTORES DO CRIME

Profissionais que desonram sua categoria existem em todas as áreas, mas cortar as asas dos doutores do crime a serviço do PCC tomou-se um caso de interesse vital não só das organizações que representam o setor como de toda a sociedade. Há duas semanas, o Ministério Público paulista deflagrou a primeira operação feita com o objetivo específico de desmascarar os advogados que funcionam como pombos-correio dos criminosos. Foram presos Eduardo Diamante, Libânia Costa e Valéria Dammons. Interceptações telefônicas mostraram que os três nunca conversavam sobre processos jurídicos com seus clientes. Nem sequer tinham procuração para defendê-los. A tarefa do trio era discutir com os presos assuntos como organização de rebeliões, tráfico de celulares para dentro dos presídios e corrupção de agentes penitenciários. "Apesar de terem registro na OAB, eles não trabalhavam como advogados, e sim como criminosos do PCC", diz o promotor José Reinal-



do Carneiro. Libânia e Valéria confessaram o envolvimento com os crimes. Seus depoimentos foram obtidos com exclusividade por VEJA. Elas se formaram em direito há cerca de cinco anos e deixaram-se cooptar pelo PCC. Recebiam 8 000 reais por mês para servir aos bandidos.

Libânia transmitiu a ordem que deu início à rebelião

Advogadas a serviço dos bandidos: Libânia Costa (acima), ao ser presa por transmitir ordens de líderes do PCC, e Cristina Rachado, que comprou para Marcola a gravação de depoimento secreto de policiais

em Araraquara, no mês passado. Os presos destruíram quase tudo, foram confinados em uma ala remanescente e geraram as imagens chocantes divulgadas há duas semanas. Valéria pode ter sido o canal para crimes muito mais graves. No dia 26 de junho, segundo o Ministério Público, recebeu instruções de repassar a bandidos a ordem para o assassinato de cinco agentes carcerários. A advogada nega ter acedido. Os ataques a agentes começaram dois dias depois de suas visitas a líderes do PCC. Outra doutora do PCC demonstrou maior desenvoltura. Maria Cristina Rachado, advogada de Marcola, comprou por 200 reais a gravação de um depoimento sigiloso prestado por policiais paulistas à CPI do Tráfico de Armas. O CD foi entregue a Marcola e pode ter motivado os ataques desferidos por membros da facção em maio. Maria Cristina teve seu registro suspenso pelo Tribunal de Ética da OAB.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
DIS-DELEGACIA DE INVESTIGAÇÕES SOBRE ENFORÇANTES DE
PRES. PRUDENTE/SP.

partir de então começou a trabalhar só na advocacia criminal. Tem alguns clientes em Santos. Há aproximadamente 30 dias, a declarante começou a prestar serviços para o PCC, entrando e saindo de presídios, com a finalidade de transmitir ordens dentro da facção criminosa. A declarante chegou inclusive a convidar seu sócio Julio Malheiros de Mello a integrar o grupo para a

decisão diretamente com o preso Venceslau e discutiu o assunto com o preso "Macarrão". Na segunda visita, a declarante recebeu recomendação de "Macarrão", para que fizesse chegar ao advogado EDUARDO DIAMANTE a ordem de providenciar R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) em dinheiro e três aparelhos celulares para entrar em Pres. Venceslau com auxílio de funcionário de presídio. A declarante não sabe se a ordem foi cumprida, porém sabe dizer que repassou por celular para o

lugar, o preso "LH", como é conhecido, e a declarante por ordem de Fernandes, que cuidaria de falar com a declarante para escrever mensagens de "Marcola". A declarante foi orientada a escrever mensagens no papel e colocá-las sobre o seio, de frente para o preso, no parlatório, e de costas para supostas câmeras ali existentes. No entanto, a declarante foi presa antes de fazer o primeiro contato com "Marcola" e nem tinha começado a trabalhar nesta função. A declarante recebe os "honorários" do PCC, diretamente do Banco do Brasil, agência de Santos (c/c.

Trecho do depoimento de Libânia à polícia: trabalho de pombo-correio, compra de celulares clandestinos e até orientações colocadas sobre os seios para burlar câmeras em conversa com o cliente principal, Marcola



DIOA SAMINOVAE

Os criminosos usam as prerrogativas dos advogados a serviço da ilegalidade. Graças a sua condição profissional, advogados podem entrar nos presídios fora dos dias de visita, não se submetem a revista e, se forem investigados, podem se recusar a falar sobre as conversas que tiveram com os presos alegando sigilo profissional. São instrumentos fundamentais para o trabalho dos advogados honestos e para as garantias democráticas. Não é admissível, porém, que continuem a servir aos criminosos. Estes, como sempre, são mais rápidos do que as autoridades e as organizações profissionais. Em uma investigação paralela, a Polícia Civil já descobriu pelo menos duas estudantes de direito cujos cursos são pagos pela organização criminosa. Uma delas é Cynthia Giglioli da Silva, que está no 3º ano do curso. Quem é ela? A mulher de Marco-la, o chefe do PCC.

O QUE PODE SER FEITO

- Monitorar com câmeras de vigilância os encontros entre advogados e seus clientes e evitar contato físico entre eles. A medida já é usada em presídios de segurança máxima
- Impedir a visita de advogados que não comprovem oficialmente atuação na defesa judicial do preso visitado. São esses os "pombos-correio" do PCC
- Permitir que advogados sejam submetidos a revista e que seus pertences passem por aparelhos de raios X

Fábio Portela

LEIS QUE ATRAPALHAM



No último Dia das Mães, 12 645 presos deixaram as penitenciárias de São Paulo para comemorar a data em casa. Nesse mesmo fim de semana, o PCC orquestrou a maior onda de ataques de sua história. Não foi coincidência. Liberados nessa leva, presos devolvedores da facção receberam a tarefa de passar orientações sobre os atentados aos criminosos que estavam fora das cadeias. A saída temporária é popularmente conhecida como indulto. Previsto na Lei de Execução Penal, o benefício permite que condenados em regime semi-aberto deixem a cadeia por um prazo de até sete dias, em cinco ocasiões no ano, de forma a preparar seu retorno ao convívio social. É também um exemplo de como uma norma boa e necessária pode ser transformada em instrumento do crime. "Por meio de dispositivos legais, os presos recebem benefícios que facilitam a ação de organizações criminosas", avalia a procuradora de Justiça aposentada Lúcia Casali, que trabalhou na Vara das

Execuções Criminais de São Paulo por vinte anos.

O potencial danoso desses dispositivos aumenta se o cenário prisional é corrompido e com pouca estrutura de fiscalização. Tome-se o exemplo do "jumbo", regulamentado pela Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo, que permite aos presos receber um pacote com produtos que vão de alimentos a itens de higiene. Na maior parte dos presídios, não há estrutura para fiscalizar a entrada de todos os pacotes, que são trazidos pelos parentes dos presos em dias de visita. Desse modo, o "jumbo" tornou-se um artifício que facilita a entrada de drogas, celulares e armas nos presídios. Agentes que acompanham de perto as revistas contam que já viram de tudo: droga injetada em laranja, frango assado recheado de crack, escova de lavar roupas que esconde bateria de celular. Encomendas externas e relações sexuais autorizadas são formas de administrar a tensão dos presídios que soam estranhas em outras culturas. "O contato físico permitido é mínimo. Um abraço, um beijo, pegar na mão", conta Andy Barclay, do Centro Internacional para Estudos de Prisões, da Universidade de Londres, sobre as condições em seu país. Em São Paulo, todos os presos, independentemente do regime a que estão submetidos, podem receber quatro visitas íntimas por mês. O benefício é mais um facilitador da comunicação

Preso deixa cadeia graças a indulto: brecha na legislação beneficia criminosos do PCC

MARCELO SOBRINHO/ALFONSO MAGALHÃES



O ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, em reunião de emergência sobre os ataques: estados e governo federal brigam, o crime sai ganhando

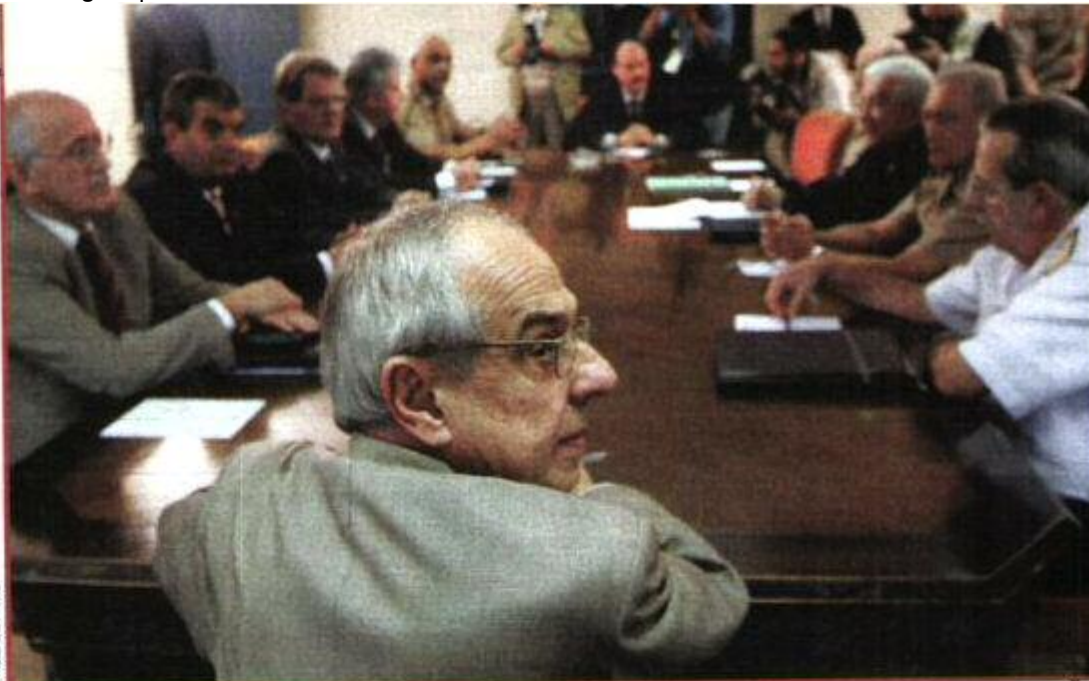
dos detentos com o lado de fora das cadeias.

A combinação de condições carcerárias hediondas, de um lado, com leniência absurda, na prática ou na letra da lei, de outro, é tipicamente brasileira. O regulamento de progressão de pena, por exemplo, prevê que após o cumprimento de um sexto da condenação o criminoso tem direito à transferência para o regime semi-aberto. Antes, para autorizarem a concessão desse benefício, os promotores contavam com um exame criminológico, realizado por psiquiatras, assistentes sociais e membros da administração penitenciária, que avaliavam se o preso estava em condições de ser reintegrado. Em 2003, esse requisito foi retirado da lei. Hoje, para avançar no regime, basta que o preso apresente um atestado de bom comportamento, requisito que muitos líderes de facções criminosas preenchem, visto que o serviço sujo é feito por seus comandados. "Acabar com a exigência do exame foi um dos maiores atentados contra a segurança pública", critica Marcos Barreto, da Promotoria de Justiça das Execuções Criminais de São Paulo.

O QUE PODE SER FEITO

- Alterar a Lei de Execução Penal para que o preso de alta periculosidade possa ser mantido em regime disciplinar diferenciado, mais rígido, por tempo indeterminado. Hoje, o tempo máximo é de até dois anos
- Acabar de vez com a entrada nos presídios dos "jumbos", as encomendas de objetos pessoais e de higiene usadas para fins ilícitos. Em contrapartida, o Estado tem de cumprir a lei e prover as necessidades básicas dos presos
- Criar uma lei específica para o delito de crime organizado, com penas mais duras

Camila Pereira e Rafael Corrêa



ERROS POLÍTICOS

Há muitas maneiras de enfrentar o crime organizado. Mas basta uma para entregar a vitória de bandeja aos bandidos: manipular politicamente a volátil questão da segurança pública. O que, naturalmente, tem sido feito com grande entusiasmo desde o primeiro ataque do PCC, em maio. Com a nova dose, na semana passada, os candidatos à Presidência Lula e Geraldo Alckmin — e respectivos aliados — entregaram-se ao jogo da culpabilização. Enquanto os órgãos de segurança de São Paulo conseguiram articular uma reação, voavam inocuidades pelos ares. Na quarta-feira, o presidente Lula anunciou que um contingente de 4 000 homens da Força Nacional de Segurança Pública estava à disposição do governador Cláudio Lembo. Ocorre que só as forças de segurança do estado têm 130 000 agentes. Com seu estilo deixa-que-eu-chuto, o secretário de Segurança Pública, Saulo de Castro, avisou ao ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, que dispensava a Força Nacional, mas aceitava de bom grado um aporte financeiro. Em 2001, o Fundo Nacional de Segurança Pública transferiu para os estados 387 milhões de reais. No ano passado, o repasse direto foi de 112 milhões de reais, 70% a

menos. Em contrapartida, a cúpula tucana passou a acusar, sem nenhum indício, uma conexão PCC-PT.

No próprio governo paulista grassam os embates. Saulo de Castro e Nagashi Furukawa, secretário de Administração Penitenciária até maio, não se falavam. O indispensável trabalho conjunto dessas duas secretarias para combater o crime era inexistente. Furukawa era acusado por Saulo de conduzir uma política permissiva nos presídios paulistas. Mas o secretário de Segurança também se queimou ao proclamar a irrelevância do PCC. Furukawa pediu demissão. Para seu lugar foi chamado o procurador Antonio Ferreira Pinto, ligado a Saulo. Agora, pelo menos os serviços de inteligência das duas secretarias trocam informações. Que bom, não?

O QUE PODE SER FEITO

- Mudar o DNA dos políticos talvez seja a tarefa mais difícil. Primeiro passo: em vez de trocarem acusações, os governos federal e estadual deveriam integrar plenamente seus serviços de inteligência
- Criar um mecanismo conjunto de controle e divisão dos repasses do Fundo Nacional de Segurança Pública. Hoje, a decisão cabe apenas ao governo federal
- Comando único para as polícias Civil e Militar. Hoje, as duas corporações disputam poder junto às secretarias de Segurança Pública

Victor Martino

“PRISÃO SÓ NÃO RESOLVE”

Saulo Abreu, secretário de Segurança de São Paulo: bandido não fica preso, o PCC não é organizado e há “muita histeria”

Thais Oyama

ATÉ 2000, O GOVERNO DIZIA QUE O PCC NÃO EXISTIA — EM 2001, A ORGANIZAÇÃO DEFLAGROU UMA PARALISAÇÃO SIMULTÂNEA EM 29 PRESÍDIOS DE SÃO PAULO. EM 2002, A POLÍCIA PRENDEU ALGUNS LÍDERES E DECLAROU QUE O PCC ESTAVA “FALIDO E DESMANTELADO” — SÓ NESTE ANO, EM DOIS ATAQUES NUM INTERVALO DE DOIS MESES, FORAM MORTOS QUASE CINQUENTA POLICIAIS E AGENTES PENITENCIÁRIOS. O GOVERNO NÃO SUBESTIMOU E CONTINUA SUBESTIMANDO O PCC? Não. O PCC é real, existe, mas não tem o potencial que estão lhe emprestando. Esses ataques não aconteceram porque o PCC tem uma enorme capilaridade ou um exército organizado nas ruas. Aconteceram porque eles pegaram aí um pessoal dependente de drogas para sair tresloucadamente dando tiros pela cidade. É muito diferente de um exército organizado. Agora, teve muito show, muita histeria, muita gente querendo tirar casquinha da situação. O problema de São Paulo é: ladrão que quer pegar seu relógio para gastar em tênis de marca. Mais nada.

O FATO É QUE, EM DEZ ANOS, O PCC CRESCIU MAIS DO QUE SE ESPERAVA. EM QUE O

GOVERNO FALHOU? Houve dois erros. O primeiro foi não ter definido presídios diferentes para diferentes tipos de preso. O segundo foi uma certa leniência no trato interno dos presos, com relação à disciplina. Havia um pacto, não formal, de que, desde que não se fizesse rebelião, valia qualquer coisa intramuros.

MAS O PCC NÃO ATUA APENAS DENTRO DAS CADEIAS, AGE FORA DELAS TAMBÉM. NESSE CASO, A RESPONSABILIDADE DE COMBATÊ-LO É DA POLÍCIA. Está certo. Você diz: a polícia poderia ter trabalhado melhor? Bom, talvez. Talvez pudesse ter sido mais ágil. Mas a consequência do trabalho da polícia vai ser sempre a prisão. Só que, chegando à prisão, o preso fala ao celular, recebe visita íntima... E aí, como é que fica?

NOS DIAS SUBSEQUENTES AOS ATAQUES DO PCC EM MAIO, 126 PESSOAS MORRERAM EM SUPOSTOS CONFRONTOS COM A POLÍCIA. A MÉDIA DE MORTES NESSE TIPO DE CONFRONTO É DE 0,7 POR DIA. NESSE PERÍODO, ELA SUBIU PARA CATORZE POR DIA. SITUAÇÕES COMO ESSA NÃO AJUDAM A



CONSOLIDAR A IDÉIA DE QUE A SUA SECRETARIA ESTÁ RESSUSCITANDO O ESQUADRÃO DA MORTE? Isso é um absurdo. Quase 80% das mortes foram pronta resposta: a pessoa atirou, levou tiro. O bombeiro que morreu, por exemplo. Ele morreu, mas o colega que estava do lado dele matou o sujeito que desferiu o tiro. Isso é pronta resposta. Bom, mas houve um ou outro caso de exagero? Talvez. Não posso ter domínio sobre 130.000 homens que eu não compro no supermercado, não escolho na prateleira: é o que o Estado produziu.

O QUE, NA SUA OPINIÃO, FAZ COM QUE AS PESSOAS EM SÃO PAULO TENHAM MEDO DA POLÍCIA? Eu não sei se é medo. No interior, a polícia inspira respeito. E não é pela violência ou pela truculência. É pela farda, pelo status. Lá, o delegado

“TIRANDO O LATROCÍNIO, QUE HOJE É CRIME HEDIONDO, NENHUM CRIME SEGURA NINGUÉM



São Paulo segundo Saulo: "O PCC é real, mas não tem um exército organizado. Eles pegaram aí um pessoal dependente de drogas para sair dando tiros. Agora, teve muito show. Muita gente querendo tirar uma casquinha da situação"

POR QUE A POLÍCIA NÃO CONSEGUE DIMINUIR ESSE TIPO DE CRIME? Porque só com prisão você não resolve o problema. Primeiro, o bandido não fica na prisão. Tirando o latrocínio, que hoje é crime hediondo, nenhum crime segura ninguém na cadeia. Todos os responsáveis por roubo e furto que nós prendemos há dois anos já estão na rua. O segundo motivo é que nós temos uma sociedade consumista, que faz com que o jovem queira o tênis de marca, queira ter as coisas que os ricos têm. Por último, há a parcela de responsabilidade da sociedade. Uma vez, eu mostrei a um pessoal da Scotland Yard alguns núme-

ANTONIO MILENA

vai ao mesmo clube que eu, o filho dele frequenta a mesma escola que o nosso. Aqui, o policial chega em casa e o filho conta que, na escola, disseram que o pai dele é torturador. Essa rejeição social atinge a auto-estima do policial. E tem relação direta com a corrupção. Tanto assim que, no interior, a corrupção é baixíssima. Mas quando se fala de polícia ou é para mostrar aquele sujeito esbrachado, que anda por uma delegacia onde se bate depoimento em máquina Remington e ninguém nunca ouviu falar em informática, ou é para falar de violência: Carandiru e tal. Esse é o policial que a TV mostra.

POR QUE QUANDO O SENHOR FOI PRESTAR DEPOIMENTO NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO, NO MÊS PASSADO, LEVOU JUNTO MAIS DE 100 POLICIAIS? FOI UMA

TENTATIVA DE INTIMIDAR OS DEPUTADOS?

Sempre que vou falar em público, levo comigo as pessoas que são responsáveis por suas áreas, até porque há coisas a que eu não sei responder. E não tinha tanta gente assim. Era a patota que fica na Assembléia. Tem bastante PM lá. E eu também não me recusei a responder às perguntas dos deputados. O problema é que fui lá para discutir orçamento. Quer dizer, você tem de parar o que está fazendo para ir à Assembléia e assistir aos deputados discutindo entre si, durante horas. Eu fiquei tomando água quente sete horas.

EMBORA O NÚMERO DE HOMICÍDIOS NO ESTADO DE SÃO PAULO TENHA CAÍDO DESDE 2002, OS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO — ROUBOS E FURTOS — SE MANTÊM NOS MESMOS NÍVEIS OU REGISTRAM AUMENTO.

ros de roubo de veículos daqui. O policial falou: "Mas as pessoas compram carro roubado?". Eu fiquei desconcertado. Era inadmissível na cabeça de um inglês alguém comprar um carro, um farol, um rádio que fossem roubados. Quem compra o Rolex que é roubado na esquina? É algum bacana que quer ter um Rolex, não é o manezinho da favela. Então, há uma questão de cultura também.

O QUE TERIA DE SER FEITO, ENTÃO? Teria de ser mudada a forma de discutir o crime. Desde quando se discute isso? Não era para a classe política ter esse tema como prioritário? Quando vem uma catástrofe, morre a filha da novelista, vem o PCC, aí todo mundo aparece: quer prisão perpétua, quer decapitação. No fundo, todo mundo quer tirar uma casquinha.

A CADEIA." Saulo Abreu, secretário de Segurança de São Paulo

A violência subtrai
200 bilhões de reais
por ano do Brasil.
Os bandidos também
levam empregos,
bem-estar e a
produtividade
da economia

Christiane Silva e Ronaldo Soares

É relativamente fácil calcular prejuízos materiais como os da foto que ilustra esta matéria. Esse é o custo econômico mais visível do banditismo. Também é possível quantificar os recursos que empresas, pessoas e o Estado gastam sendo vítimas de criminosos ou defendendo-se deles todo ano — cifra que, no Brasil, chega a 10% do PIB, ou 200 bilhões de reais, segundo levantamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Mais complicado — e certamente mais dramático — é descobrir quanta riqueza a sociedade deixa de produzir exposta à sanha dos bandidos que tiram vidas, estraçalham poupança, patrimônio e trabalho e minam a capacidade criativa das pessoas. Os economistas chamam isso de “custo de oportu-



A RIQUEZA ROU

tunidade”. “Não é o que se perde, mas o que se deixa de ganhar em razão da criminalidade”, explica Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas. O que ocorreria, por exemplo, se parte desses 200 bilhões de reais e as vidas perdidas tivessem tido a chance de exercer seu potencial, criando empresas mais eficientes, produtivas e competitivas? Quanto o país atrairia de investimentos se os índices de violência desabassem? Qual seria o impacto sobre o crescimento? Os dados abaixo colhidos por VEJA jogam um pouco de luz sobre o tema e mostram que os bandidos destroem mais riquezas do que os estragos que aparecem nas fotografias.

PRODUTIVIDADE — O crescimento de um país só tem impacto duradouro sobre a qualidade de vida das pessoas quando sua mola propulsora é o aumento da produtividade. Isso exige investimentos maciços em novas tecnologias e em capital humano, e não em segurança privada e na instalação de vidros blindados. O comércio do Rio de Janeiro gastou, no ano passado, 2,8 bilhões de reais em segurança. Para Clarice Messer, chefe do departamento econômico da Fecomércio, esse dinheiro foi subtraído “de áreas relacionadas ao crescimento do setor, como tecnologia, treinamento de pessoal e marketing”. Essa aberração fica ainda mais nítida no caso

de indústrias globais, que conseguem comparar seus custos com segurança em vários países. Para cada dólar que a General Motors nos Estados Unidos gasta com segurança, sua filial brasileira despende quase 3. Também é o caso de uma das maiores empresas de segurança de dados instalada no Brasil. Ela gasta no país 13% do faturamento em segurança — blindagem de carros, cuidado pessoal para os executivos, rastreamento por satélite. Nos EUA, essa rubrica representa apenas 3% do faturamento. A Femsa, engarrafadora da Coca-Cola, adotou o uso de GPS em todos os caminhões que distribuem bebidas e blindou o carro de to-



Custo visível da violência: uma das sete agências do Banco Itaú atacadas pelo crime organizado em São Paulo na última semana

mentáveis em um país que investe pouco em pesquisa tecnológica.

CRÉDITO — Os bancos brasileiros gastam 1 bilhão de dólares por ano em segurança eletrônica, vigilância e transporte de valores. Instituições estrangeiras informam que esse custo é 30% maior no Brasil do que nos países onde suas matrizes estão localizadas. É a sociedade quem paga a conta. Isso porque gastos com segurança são componentes relevantes do custo de operação dos bancos e, como tais, são repassados aos clientes na forma de tarifas maiores e taxas de juro mais altas. Portanto, ao encarecer o dinheiro e as operações bancárias no Brasil, o crime contrai o crédito e emperra o crescimento. A existência de um mercado informal gigante e movido a dinheiro vivo agrava o problema. Os bancos creditam ao mercado informal o volume desproporcional de papel-moeda transportado diariamente em carros-fortes. Como resultado, as ruas brasileiras foram transformadas em cofres a céu aberto, à espera de ataques — estima-se que a renda mensal do PCC com assaltos a carros-fortes atinja 1 milhão de reais.

VALOR DA VIDA — A educação, a criação e a ausência de produção de cada jovem com ensino médio completo que é assassinado custam entre 400 000 e 500 000 reais à sociedade. O cálculo é de Claudio Beato, coordenador do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse seria o custo de quanto ele deixou de produzir e de consumir caso chegasse a viver até os 70 anos. Ocorrem 50 000 homicídios no Brasil por ano, sendo 46% deles de jovens entre 15 e 24 anos. A suposição de que boa parte deles tinha o ensino médio completo nos leva à conclusão de que a sociedade brasileira perde a cada ano para o crime, além de vidas, uma riqueza na casa da dezena de bilhões de reais. Esse é o grande prejuízo invisível que ajuda a entender a razão da resistência da pobreza no Brasil. ■

Com reportagem de Heloisa Joly

BADA

dos os executivos. Essas medidas foram empregadas apenas na América Latina.

INVESTIMENTOS — A criminalidade aparece como um dos principais fatores que limitam a entrada de recursos externos no setor produtivo da economia, na forma de novas empresas e instalações. Essa é a conclusão de pesquisas feitas pelo Banco Mundial e pela Câmara Americana de Comércio. Crimes elevam diretamente o custo de operação das empresas. Gastos com segurança para transporte de cargas, por exemplo, representam cerca de 12% do total do frete. Estima-se que o investimento das compa-

nhas para evitar roubo de cargas seja da ordem de 3,8 bilhões de reais por ano. Mas não é apenas a violência dos criminosos do PCC ou das quadrilhas de roubo de cargas que afasta os investimentos. Tome-se a agressão representada pelas invasões do MST e seus congêneres. Em março, o Movimento de Mulheres Camponesas invadiu um centro de pesquisas da Aracruz Celulose no Rio Grande do Sul e destruiu aproximadamente 1 milhão de mudas de eucalipto. Minutos de vandalismo das sem-terra arrasaram com a pesquisa de anos a fio que vinha sendo feita em espécies mais produtivas. Outros alvos recorrentes dos sem-terra são as produtoras de sementes Monsanto e Syngenta, ambas multinacionais. Em março, manifestantes que se dizem sem-terra invadiram um centro de pesquisas da Syngenta no Paraná. Como resultado, a empresa ameaça reduzir os investimentos no país. São notícias la-